

Brasil - 500 anos

O Poder Judiciário de Santa Catarina, reúne-se nesta data, em sessão solene, para associar-se às comemorações dos 500 anos do Brasil.

Tal acontecimento, comparado à idade de alguns dos países contemporâneos, contada em milênios, poderia aparentemente deslustrar esse fato cultural. Todavia, o Brasil é um país continente, nascido sob os augúrios do limiar da idade moderna, sob o influxo das grandes navegações, e sua descoberta foi um marco na história da humanidade. O achamento deu-se justamente quando o homem descobriu embevecido que era um ser planetário e que o desconhecido por detrás do Mar Tenebroso era um mundo novo, redondo, cheio de novas possibilidades, de aventuras e de conquistas. Surgia o mundo da ciência e o homem minimizava o poder dos sortilégios e das crenças, e projetava-se deslumbrado para as estrelas, vasculhando os céus, para guiar-se pelos mares e para os novos continentes. Florescia a arte, a música, a cultura, a filosofia e a ciência.

O espírito de aventura, o amor à ciência e a necessidade de abrir novos mercados, jogou em direção ao Atlântico esse povo intrépido português, realizando feitos inimagináveis numa época ainda mergulhada nas sombras, quiçá só comparáveis à façanha contemporânea da viagem à lua.

No dizer de Eduardo Bueno, o grande impulso que conduziu a frota de Pedro Álvares Cabral de Lisboa a Calicute, na Índia - e o levou a descobrir o Brasil no meio do caminho - foi apenas um pequeno, ainda que reluzente, movimento da grande sinfonia que configura o processo de expansão ultramarina dos portugueses ao redor do planeta. Para muitos historiadores, é justamente a "abertura" do mundo desencadeada pelos navegadores de Portugal que estabelece, mais do que o advento da imprensa ou a queda de Constantinopla, o legítimo início da Era Moderna. Ao se aventurarem "por mares nunca dantes navegados", os portugueses derrubaram os mitos da geografia arcaica e provaram, com adorável arrogância, que o ciclo do saber não estava fechado a sete selos. Sua aventura marítima foi o primeiro processo humano de dimensões planetárias.

Portugal desde cedo percebeu que o seu futuro não estava no comércio terrestre, obstruído pela Espanha, em luta contra os árabes e governada por um inimigo - o Mediterrâneo, dominado pelos venezianos e genoveses, monopolizando o comércio das especiarias com os árabes. Os portos lusitanos de Sagres, Lisboa e Porto eram escalas importantes das expedições marítimas que realizavam o tráfico das especiarias orientais entre o Mediterrâneo e o Norte da Europa. Para Portugal só restava o caminho do mar, vencendo a barreira do Atlântico, para poder expandir o seu comércio. Em 1453, os turcos invadem a Europa, tomam Constantinopla e avançam até Alexandria, bloqueando todo o comércio das especiarias, constituído de pimenta, canela, cravo, gengibre, noz-moscada, essenciais para o sabor e conservação dos alimentos. Impunha-se, pois, descobrir um novo caminho para o Oriente.

De simples pescadores até o crepúsculo do século 13, os portugueses começaram a constituir uma marinha no alvorecer do século 14, tendo por mestres os genoveses. Em 1415, no reinado de D. João I, a frota portuguesa conquistou Ceuta, no Marrocos, em sua primeira investida militarista. A partir daí, deu início a sua aventura expansionista que, pelos dois séculos seguintes, estendeu o domínio português pelos sete mares e pelos cinco continentes. Foi Dom Henrique, filho de D. João I, no entanto, que vislumbrou nos oceanos o futuro de Portugal.

O infante Dom Henrique reuniu alguns dos melhores e mais experientes pilotos, astrônomos, matemáticos, cartógrafos e construtores de navios da época, sobretudo de Gênova e Veneza e fundou, em 1417 a Escola de Sagres, esforçando-se para iluminá-la com o facho da ciência, varrendo as sombras do mito. Lá foi aperfeiçoado o astrolábio e a bússola, técnicas de navegação e de construção naval. Conquistando o norte da África, os portugueses mergulharam cada vez mais rumo ao Atlântico. Contornaram a costa africana, até então de extensão desconhecida, para tentar chegar às Índias. Para tanto, precisaram vencer o medo. Medo de que ultrapassando o Cabo Bojador - uma ponta da África avançando sobre o Atlântico -, os brancos se tornassem negros, "medo de que o mar fervesse ao calor tropical, medo que a neblina espessa engolissem os navios. Os marinheiros temiam o desconhecido. Imaginavam a Terra plana, com oceanos que poderiam desembocar no nada".

Em 1420, navegadores formados na Escola de Sagres, (re)descobriram a ilha da Madeira. "Em 1434, Gil Eanes venceu o Cabo Bojador, no Saara espanhol. Em 1455 foi descoberto o Cabo Verde e, em 1487, Bartolomeu Dias atingiu o limite da África, dobrando o Cabo das Tormentas, rebatizado da Boa Esperança. Em 1498, Vasco da Gama, enfim, desvendou a rota da Índia. Mais tarde os portugueses chegariam à China e ao Japão. Lisboa se tornou uma cidade cosmopolita, cujos estaleiros viviam em febril atividade e as ruas eram percorridas por astrônomos judeus, banqueiros genoveses, cartógrafos catalães, marinheiros italianos e mercadores holandeses. A capital de Portugal se tornou também a capital do mundo".

Embora tenha sido uma jornada militar, um empreendimento comercial e uma missão diplomática, a viagem de Pedro Álvares Cabral - em meio a qual o Brasil foi descoberto - foi também, e acima de tudo, uma aventura extraordinária. De fato, foi repleta de ação e de terríveis naufrágios, combates marítimos e terrestres, encontro com povos e terras desconhecidas.

A viagem de Cabral, no entanto, só pode ser entendida em sua totalidade como uma decorrência da jornada de Vasco da Gama. "Ao retornar a Portugal em julho de 1499, com a fantástica notícia de que a Índia podia ser alcançada por mar, Gama estava deflagrando o primeiro grande processo globalizante da humanidade - e transformando todo o planeta em uma imensa rede comercial que envolvia quase todos os continentes e inúmeros povos, de muitas crenças e de muitas línguas".

Sabe-se que Cabral - um sisudo chefe militar, então com 32 anos de idade - e Vasco da Gama haviam conversado longamente. "Dois anos antes, ao fazer um grande arco no rumo do oeste, para aproveitar melhor as correntes do Atlântico, Gama passara tão perto do Brasil que talvez tenha mesmo pressentido a presença de terra".

A partida foi cercada de grande pompa. O próprio Rei Dom Manoel I assistiu à missa celebrada na Capela de Nossa Senhora de Belém, na praia de Restêlo, no domingo de 8 de março de 1500. Estavam presentes as maiores autoridades da Corte, solenemente trajadas de luto, como era de praxe nas despedidas. A missa foi celebrada por Dom Diogo de Ortiz, Bispo de Ceuta, fazendo um longo sermão, desejando bom êxito à viagem. Após, abençoou a bandeira das armas e a Cruz da Ordem de Cristo - símbolo da fé e dos grandes feitos portugueses. Terminada a cerimônia religiosa, a comitiva se encaminhou para a praia. Soaram trombetas, flautas e tambores e o povo acompanhou o cortejo fazendo coro aos cânticos solenes. Em grandes botes decorados, Cabral e seus homens rumaram para as naus ancoradas ao

largo, no Rio Tejo. Eram mercadores, pilotos, oficiais maiores de sangue nobre, carpinteiros, caldeireiros, ferreiros, torneiros, soldados e técnicos de navegação. Da tropa que zarpoou de Lisboa no dia 9 de março de 1500, boa parte dos tripulantes tinha, em média 15 ou 16 anos de idade, e muitos deles jamais haviam navegado, tendo sido recrutados à força em pequenas cidades do interior de Portugal. "Com dez naus e três caravelas, a frota comandada por Cabral era a maior e a mais portentosa que Portugal jamais enviara para singrar o Atlântico. Quase todas as expedições anteriores eram constituídas por apenas três caravelas e cerca de 150 tripulantes." Cabral conduzia 1500 homens a bordo, representando 2,5% do total da população de Lisboa de então, estimada em 60.000 pessoas, "que se apinhavam em cerca de 18 mil casas, de três andares e poucas janelas", em 270 ruas e 89 becos, "sinuosos e estreitos, pavimentados com lajes desiguais", onde a peste espreitava. Os navios estavam abarrotados de tesouros, "cuja luminescência e valor deveria seduzir os rajás indianos. Se o poder do dinheiro falhasse, Cabral também levava canhões, pólvora e espadas afiadas".

Conta a história, que "a esquadra zarpoou de Lisboa em meio a festas e orações. Tudo transcorreu bem - embora um dos navios tenha sido "comido pelo mar", de acordo com a terrível e poética frase de então. E assim, no entardecer de 22 de abril de 1500, após 44 dias em alto-mar, quando se encontrava muito mais a Oeste do que o necessário para contornar a África e chegar à Índia, a expedição deparou com um 'monte muito alto e redondo', vestido por uma mata luxuriante e silhueteado contra o fulgor do crepúsculo. Estava descoberto o Brasil. Embora, naquele instante, o 'achamento' da nova terra tenha sido considerado pouco mais do que um feliz acidente de percurso, o passar dos anos acabaria revelando que o descobrimento do Brasil era o cerne e o coroamento da aventura portuguesa pelos mares do mundo".

Relata em sua carta, Pero Vaz de Caminha, que a noite chegou a 22 de abril de 1500.

"Os marinheiros recolhem velas e baixam âncoras. Os navios vão esperar o dia para se aproximar da costa. Na proa de seu barco, um homem não tira os olhos da terra que a noite vai apagando. É Pedro Álvares Cabral a contemplar a terra que descobrira".

Em 23 abril, o sol acabara de nascer. Lá estava a terra descoberta, a foz de um rio e um punhado de indivíduos bronzeados andando pela praia. Os capitães se reúnem na Caravela de Cabral. Narra Caminha, na carta que enviaria depois ao Rei Dom Manoel, que Cabral, como primeira medida, resolveu mandar um pequeno barco, com Nicolau Coelho, ver o lugar de perto. Junto à boca do rio, dezoito ou vinte homens se aproximaram do escaler, "[...] a feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara." Traziam arcos e setas, mas a um sinal dos portugueses baixaram as armas. Aí deu-se então uma troca de presentes entre descobridores e indígenas. Nicolau Coelho deu-lhes um barrete vermelho, uma carapuça de linho e um chapéu preto: e recebeu em troca um cocar de plumas compridas, que terminava com penas vermelha e castanhas, e um colar de pequenas contas brancas.

Naquele instante, o Brasil, batizado de Ilha de Vera Cruz, entrava no curso da história.

"O descobrimento oficial do país está registrado com minúcia. Poucas são as nações que possuem uma 'certidão de nascimento' tão precisa e fluente quanto a carta que Pero Vaz de Caminha enviou ao rei de Portugal, dom Manuel, relatando o 'achamento' da nova terra".

O desembarque foi impossível devido a violenta arrebentação das águas na praia. Só no dia 24 a esquadra, seguindo ao norte, dez leguas além, conseguiu lançar ferros numa enseada chamada de Porto Seguro (mais tarde batizada de baía Cabrália). Ancoraram ali, e Cabral mandou que seu piloto Afonso Lopes, fizesse sondagens em toda volta da baía. Ele tomou dois daqueles homens da terra e levou-os ao Capitânia, onde foram recebidos com festa e troca de presentes. Os nativos dormiram a bordo. Eles se estenderam no tapete e se prepararam para dormir. Cabral mandou buscar almofadas para lhes por debaixo das cabeças e com um coberta cobriu-lhes a nudez. No dia seguinte, pela manhã, depois de fundear mais próximo da terra, Cabral mandou Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias levar de volta os dois homens, e deu a cada um deles uma camisa nova, uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas, que os índios enrolaram no braço, além de vários chocalhos e guizos. E mandou com eles um criminoso condenado ao exílio, Afonso Ribeiro, que deveria ficar em terra. No Domingo, dia 25, o dia amanheceu cheio de sol. "Cabral pediu que fosse celebrada missa e feito um sermão. E mandou que todos os capitães se preparassem e o acompanhassem a uma ilhota verde - hoje Coroa Vermelha -, e com toda a tripulação presente, Frei Henrique de Coimbra celebrou a missa. Uma multidão de homens nus olhava admirada e com grande interesse para aqueles homens do mar que entoavam canções tão estranhas. Após a missa, Cabral decidiu enviar a notícia do descobrimento ao Rei Dom Manuel, destacando, para tanto, uma das naus, comandada por Gaspar de Lemos. Seguiu-se uma semana de explorações, para melhor conhecer o lugar, com contínuos contatos com os indígenas, registrando-se brincadeiras, danças e novas troca de presentes, causando admiração aos portugueses a beleza das mulheres nativas. A tripulação abasteceu as naus com lenha e água. A única coisa que faltava antes de partirem era deixar um padrão que garantisse a terra para Portugal contra todos os que viessem. Para isso, os carpinteiros fizeram uma cruz gigante. E a 1o de maio, numa Sexta-feira, esta cruz foi levada em procissão até a margem. Tinha as armas de Portugal esculpidas, e foi colocada à entrada da floresta, embaixo da qual improvisaram um pequeno altar. E assim foi celebrada uma segunda missa, sob o olhar de aproximadamente 150 indígenas. Terminada a missa, iniciaram-se os preparativos para deixar aquela terra que Cabral batizara de Vera Cruz, e Caminha registrou: "[...] Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. [...] Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muitos bons ares frescos e temperados [...] Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo..."

Ao zarpar de Porto Seguro, "Cabral parece ter deixado ali, além de dois degredados e dois grumetes desertores, a porção que lhe restava de sorte. Na terceira semana de maio, nas proximidades do Cabo das Tormentas, depois de um cometa ter luzido no céu por dez noites, uma gigantesca tempestade se abateu sobre a frota. Quatro naus, entre as quais a de Bartolomeu Dias, foram tragadas pelo mar. Não houve sobreviventes". O Cabo vingava-se, assim, de seu descobridor, de acordo com a estrofe que Camões escreveu em Os Lusíadas:

"Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu, suma vingança

E não se acabará só nisso o dano

Da vossa pertinaz confiança

Antes em vossas naus vereis a cada ano;

Se é verdade o que o meu juízo alcança

Naufrágio, perdições de toda a sorte,

Que o menor mal de todos seja a morte."

Já "reduzida a sete embarcações, a armada chegou à Índia em fins de agosto. Obteve permissão para fundar uma feitoria, mas, em 16 de dezembro, o estabelecimento foi atacado. Cabral reagiu e bombardeou Calicute por dois dias, provocando grandes estragos. Com seis navios repletos de especiarias, iniciou a viagem de volta", chegando em 23 de julho de 1501, novamente na praia do Restelo, em Lisboa, após 500 dias de viagem, e com cerca de 500 sobreviventes. "Foi bem recebido pelo rei. A seguir, porém, caiu em desgraça na corte. Retirou-se para Santarém. Lá morreu em 1520, quase na obscuridade - virtualmente sem saber que revelara ao mundo um país que era quase um continente."

Essa saga portuguesa, que marcou o nascimento do Brasil, perpassada de lutas, de aventuras e tragédias humanas, cuja lembrança nos desafia a perscrutar uma identidade nacional e a sondar o futuro e o destino desse país continente, anjo de contradições, nos incita, por outro lado, a um novo descobrimento - o de seu povo. Esse país do futuro é uma terra de contrastes abomináveis. Já foi a 8ª e é agora, no alvorecer do Terceiro Milênio, a 11ª economia do planeta, com um PIB de US\$ 492 bilhões, sendo o 9º país mais rico do mundo, segundo a paridade do poder de compra do dólar. Ainda ocupa o ranking de 74º país em qualidade de vida - o nosso cidadão típico percebe um dos menores salários do mundo, "mora a um passo da favela, não tem esgoto, não tem carro, não tem telefone, não tem geladeira, não completou o 2º Grau, não tem plano de saúde, não está garantido no emprego. Os índices de qualidade de vida são baixos - virtualmente rasteiros - no Brasil real". Estima-se que 18,7% da população vive abaixo da linha de pobreza, sendo 26,1 o número de vezes que a renda dos mais ricos é maior que a dos mais pobres. O Brasil tem 19,7 milhões de analfabetos com mais de 14 anos e 10 milhões de crianças entre 3 e 6 anos que não vão à pré-escola. Dos 137,3 milhões que sabem assinar o nome, 60% ou 90 milhões, são analfabetos funcionais, incapazes de escrever uma carta. De cada cem crianças que chegam ao 1º grau, só 33 concluem a 8ª série. Não é por outra razão que a Unesco situe o ensino brasileiro como o terceiro pior do mundo. Sabe-se que a educação é um dos três indicadores de progresso que medem o índice de desenvolvimento humano de um país, de acordo com a ONU. Os outros são renda per capita e expectativa de vida -- e em ambos a situação nacional é vexatória. O PIB per capita é de US\$ 3.469 por ano, situando o Brasil no 68º posto mundial. Sucede que em números reais, os 50% mais pobres da população detêm apenas 13,6% da renda total do país, enquanto que os 10% mais ricos se apropriam de 42,6% do bolo. Quase 50% dos brasileiros ganham menos de US\$ 150 mensais. A expectativa de vida é de 66 anos (70 para as mulheres e 62 anos para os homens), colocando o país 68º lugar entre 150 nações. No Brasil existem 35.083 latifúndios improdutivos ocupando 352 milhões de hectares. Em contrapartida, existem 4 milhões de famílias sem terra, que precisam de 60 milhões de hectares para serem assentadas. Noutros indicadores, como no investimento em saúde, o país revela o grau de sua crueldade social. Cerca

de 120 milhões de brasileiros dependem do governo para tratar da saúde (apenas 37 milhões tem planos privados), mas o Brasil jamais investiu mais de US\$ 90 ao ano por habitante em saúde, numa média de US\$ 12 bilhões anuais (2,6% do PIB).

É esse o imenso desafio que se impõe a todos os brasileiros. Construir um país socialmente justo, solidário e fraterno, que consolide uma democracia social, que socialize entre todos os seus filhos o acesso ao trabalho, à renda, à cultura, à educação, à saúde, à segurança, oferecendo a todos igualdade de condições e de oportunidades.

Este país, como lembra o filósofo Adauto Novaes, nasceu nos primórdios da modernidade, quando esta trouxe também "as primeiras manifestações de revolta organizada no século XVI: greves na imprensa e nas fábricas de tecidos e as guerras dos camponeses alemães, de 1524 a 1526. Liderados por Thomas Müntzer, os camponeses reivindicavam, entre outras coisas, a propriedade comum dos bens de produção, a extinção da servidão, a redução dos impostos. O tempo da descoberta foi, ainda, o tempo de Lutero, Calvino, Erasmo, Thomas Morus, Maquiavel, Montaigne, La Boetie, Camões, Piero della Francesca, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Van Eyck (e outros grandes artistas e filósofos que ajudaram a fundar o pensamento moderno), tempo da Inquisição, da Companhia de Jesus, da Contra-Reforma e, por fim, 'o nascimento das Europas fora da Europa, e também - por causa da Europa - o nascimento das Áfricas fora da África', como escreveu Jean Delumeau".

O Brasil, na visão de Márcio Souza, Presidente da Funarte, "herdeiro de Roma e filho da ciência da navegação, caldeirão avassalador capaz de assimilar as comunidades humanas as mais fechadas, sem que exista uma política oficial de assimilação, apresenta-se neste final de milênio como um dos modelos de civilização no concerto das nações. País de um povo capaz de dar saltos qualitativos e queimar etapas como poucos, mas ao mesmo tempo terra de barbárie e violência, talvez encerre em sua formação as contradições necessárias para forjar a liderança cultural do próximo milênio. Ou o fracasso irremediável de uma fórmula de componentes inconciliáveis".

A história, como adverte Eduardo Bueno, "não é uma sequência tediosa de datas vazias e nomes solenes. A História é drama, é fluxo, é sangue - a história pulsa, vívida. A história é múltipla: abrange os padrões e os peões, a selva e as cidades, os bancos e as prisões. A história é épica: refulge nas batalhas e nas galés, nos plenários e nas veredas, nos quartéis e nos cadafalsos. A história frequentemente é trágica. A história freqüentemente é mal contada. A história do Brasil, freqüentemente trágica, tem sido, quase sempre mal contada. Mas é uma história repleta de som e fúria; de aventura, de ganância e fulgor. Do primeiro encontro de índios e brancos, nas areias faiscantes de Porto Seguro, ao impeachment de Fernando Collor, são cinco séculos de sombras e luzes, de cores e nomes, de bonanças e trovões. Por eles, marcham os bandeirantes e rezam os jesuítas. Neles, ecoa o uivo dos piratas e o estalido das chibatatas. A febre do ouro os inflama; o rangido dos engenhos os remói. Ao fundo, ressoam os gritos de independência - podem ser alarmes falsos ou brados retumbantes. Se os descaminhos são freqüentes, a esperança é permanente. A história do Brasil é uma peça monumental. Os atores somos todos nós. Escolha o seu papel."